

# O Tuiuti



BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR

2015 / Nº 149



## FEB

### Patrulhas Brasileiras e Seus Cães de Guerra



## O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

### EDITOR

**Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel**  
Presidente da AHIMTB/RS  
Vice do IHTRGS  
[lecaminha@gmail.com](mailto:lecaminha@gmail.com)

### PROJETO GRÁFICO/DESIGN

**Fabricio Gustavo Dillenburg**  
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis  
Delegado AHIMTB/RS (DRHFPC)  
[nucleomilitar@gmail.com](mailto:nucleomilitar@gmail.com)

### ENDEREÇOS VIRTUAIS

[acadhistoria@gmail.com](mailto:acadhistoria@gmail.com)  
[www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br)

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, com apoio do Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis e da Delegacia Regional AHIMTB/RS Gen Francisco de Paula Cidade. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos dessas entidades, bem como da História Militar em geral e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor. Todos os direitos reservados.



# EDITORIAL

Buscando evidenciar o emprego de Patrulhas da FEB e de cães durante as guerras, embora venha a destacar outros animais que foram empregados pelos exércitos em várias fases da história, o artigo da Dra. Rigoni, que ora apresentamos, é muito interessante em suas informações, bastante raras e curiosas. Aliás, muito falta ainda sobre a história da desenvoltura da FEB, embora pareça haver um interesse relativamente crescente a propósito - fato que se manifestou, inclusive, recentemente, no cinema. O artigo da Acadêmica da AHIMTB/PR contribui de forma valiosa para o engrandecimento da nossa memória militar na Segunda Guerra Mundial.

Por outro lado, nosso segundo texto neste O Tuiuti versa sobre a influência maçônica nas independências ibero-americanas. Sempre controverso, o assunto provoca amplas discussões, mas o fato é que - como definição - a Maçonaria é uma sociedade discreta, cujas ações são reservadas e interessa apenas àqueles que dela participam. A Maçonaria é uma sociedade universal, cujos membros cultivam o aclassismo, a humanidade, os princípios da liberdade, da democracia, da igualdade, da fraternidade e do aperfeiçoamento intelectual. Menos lendas e teorias conspiratórias, mais realidade, portanto.

Por fim, uma rápida biografia do Marechal da FEB, Mascarenhas de Moraes, apresentando rapidamente esse homem que desperta a curiosidade e a admiração, por sua trajetória única na história do nosso Exército.

**F. G. Dillenburg (Co-Editor) por  
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel (Editor)**

# CONTEÚDO

## 4 A FEB E SEUS CÃES DE GUERRA

por Carmen Lúcia Rígoni

A Acadêmica da AHIMTB/PR apresenta um interessante artigo sobre os cães de guerra junto às forças da FEB.

## 13 MAÇONARIA E INDEPENDÊNCIA

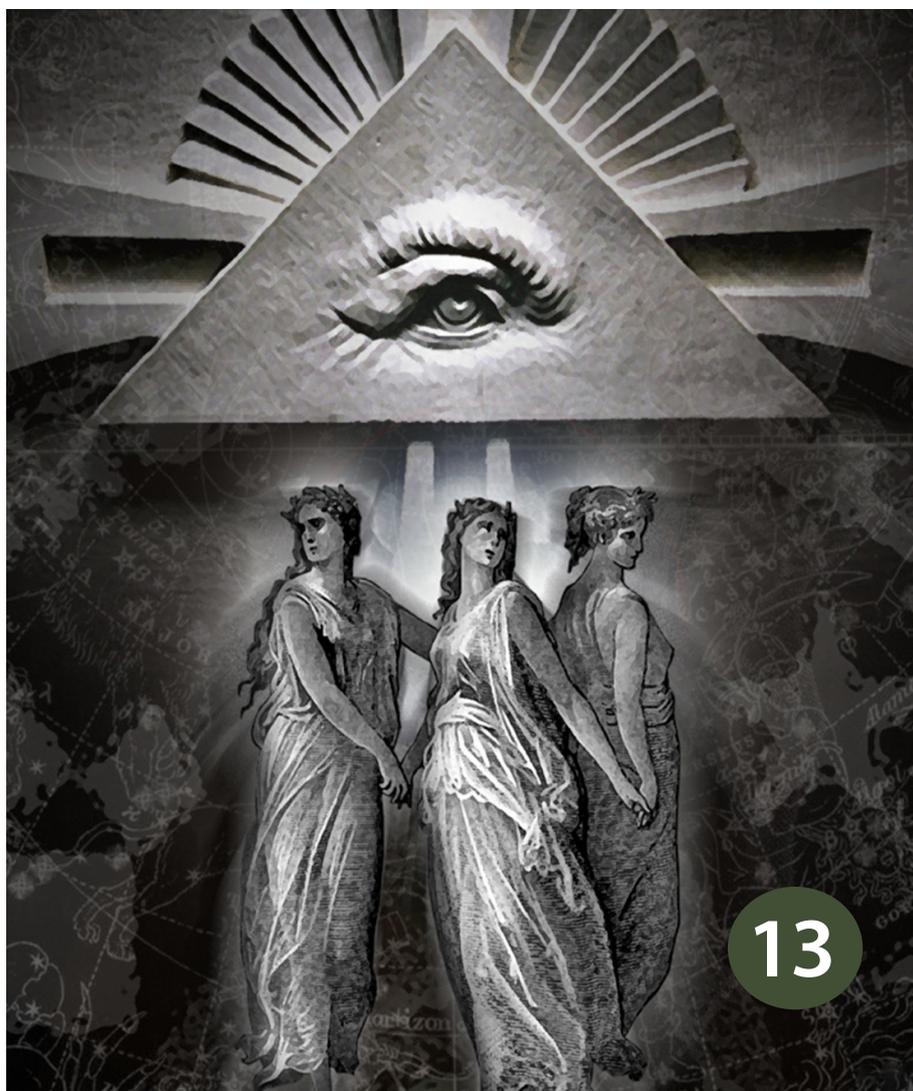
por Juvêncio Saldanha Lemos

Os "pedreiros livres" e sua relação com o processo de independência das colônias ibéricas na América do Sul.

## 14 MARECHAL DA FEB

por CPDOC

Breve informação biográfica sobre o Marechal Mascarenhas de Moraes.





**70 ANOS DA FEB**  
**Os Patrulheiros**  
**da FEB e Seus**  
**Valorosos**  
**Cães de Guerra**

Dra Carmen Lúcia Rigoni

**A**o historiador que busca as fontes para o seu trabalho, na primeira análise que se faz das fotos postadas pelos patrulheiros da FEB no rigoroso inverno italiano iniciado em dezembro de 1944, é perceptível a presença de cães. A princípio, a ideia era de que estes animais seriam mascotes, apenas companheiros dos homens. Buscando documentos da época (1944), nos deparamos com jornais brasileiros e os informes dos correspondentes de guerra que mostram o emprego de cães de guerra, que passam a ter função junto das Forças Aliadas. O emprego como cães farejadores de minas facilitava o trabalho do sapador. Revelavam-se valentes e companheiros animais. Tal estudo singular abre caminhos para outras pesquisas sobre o assunto.

Durante a guerra, o mundo conhecido tomava novas dimensões, as fronteiras eram movediças e tornavam os espaços reduzidos a fragmentos de histórias a serem compartilhadas. Muitos desses registros, às vezes emblemáticos, formaram mosaicos reveladores, onde o ponto de encontro elege a narrativa como sua maior representante. No período histórico que estamos examinando – entre 1944 e 1945 – as narrativas nos falam de pessoas, de locais, de entaves, enfim, com suas lacunas, distorções, contradições provocadas pelas distâncias em que os fatos aconteceram.

O objetivo maior deste artigo é evidenciar o emprego de Patrulhas da FEB e de cães durante as guerras, embora venha a destacar outros animais que foram empregados pelos exércitos em várias fases da história. Nesta pesquisa, ela diz respeito à utilização de cães durante a Segunda Guerra Mundial, seja pelos aliados ou pelos países do Eixo.

**EM DOCUMENTOS DA ÉPOCA, NOS DEPARAMOS COM JORNAIS BRASILEIROS E OS INFORMES QUE MOSTRAM O EMPREGO DE CÃES DE GUERRA POR FORÇAS ALIADAS.**

Quando o front estacionou em função do rigoroso inverno de 1944/45 na Itália, adotaram-se novas modalidades de combate também com o emprego de cães nas patrulhas. Tal assunto, em relação à FEB, tem se mostrado inédito e de interesse para a historiografia brasileira.

O emprego de animais nas guerras já era conhecido pelos exércitos da antiguidade. Segundo os pesquisadores os cães teriam sido domesticados entre 20 mil e 15 mil anos atrás, mas a maioria das raças teria surgido apenas há alguns séculos. Ao longo da história os cães tem acompanhado os homens desde

os tempos mais remotos. É o que demonstram as escavações arqueológicas realizadas ao longo do tempo. A história também registra a presença de cães de guerra entre os gregos, fenícios, sumérios e romanos.

Quando Roma buscava a sua hegemonia na península itálica, ao seguir o caminho das alianças com outros povos no sentido de fortalecimento, vai se deparar com interesses de outros impérios. Foi o caso de Cartago, ao norte da África, um grande império marítimo herdado da civilização fenícia. Não somente as possessões marítimas, mas também os valores guerreiros e culturais, disputando com os gregos a supremacia no Mar Mediterrâneo. Já no século III Cartago era reconhecida como grande potência ocidental e passou a ser um grande entrave para os romanos nas questões expansionistas. Romanos e cartagineses bateram-se em três guerras púnicas (de "Punos", os povos ao norte da África).

As legiões romanas, durante as guerras púnicas, utilizaram-se do emprego de cães que portavam no dorso uma couroça de couro, com recipientes de bronze e líquido com fogo ardente, para incendiarem os acampamentos vizinhos. No paramento destes animais entravam também sofisticadas coleiras com ferros e lancetes para ferir os cavalos e os homens. Em contraposição, utilizaram os elefantes na heroica

defesa de suas terras. Mas, na verdade a força real deste poderio estava nos seus homens, as destemidas infantarias por esse motivo chamados de os Senhores da Guerra (Romanigati, 2012).

Na narrativa do cotidiano das famílias romanas, vamos encontrar a descrição dos animais domésticos que dividiam com os moradores o espaço da casa, dentre os quais o cão de guarda e outros animais utilizados pelos lavradores. Também nas cenas bucólicas descritas nas “Georgicas” de Virgílio (o mais célebre poeta latino (71 a 19 a.C.).

### **O Cão Romano e as Famílias**

A arqueologia por sua vez, nos últimos tempos tem revelado aspectos interessantes da civilização romana e seu cotidiano. Nas escavações efetuadas em Pompéia (soterrada no ano 79 pelo Vesúvio), foram encontrados esqueletos de animais domésticos, cães que pereceram amarrados, pois serviam de guarda das residências. (Hadas, 1978).

Na Idade Média, são muitas as informações sobre a coexistência de animais domésticos e a população. Tais referências estão nos livros e gravuras deixados pelos copistas. Na Europa do século XIV, durante as escaramuças entre os proprietários feudais, os cães eram os únicos que podiam atravessar

as fronteiras com mensagens que eram enviadas dentro de tubos que os animais tinham de engolir – naturalmente para a mensagem ser lida o animal era sacrificado. Na disputa entre os reinos da Inglaterra e da França, o rei Henrique VIII empregou cerca de 500 cães contra Carlos V da França.

Na primeira Guerra Mundial, temos notícias do emprego de cerca de 400 mil cães pastores alemães, que foram utilizados nos serviços de sabotagem do campo inimigo, nas trincheiras, no transporte de feridos, armas e suprimentos.

Fracassadas as tentativas de paz, antes da 2ª Guerra Mundial, e no intuito de um diálogo com Hitler, os aliados declaram guerra à Alemanha. O Japão, envolto em ideias imperialistas, volta-se contra os norte-americanos, invadindo a base de Pearl Harbor no Havaí (1941). Os Estados Unidos, até então neutros, entram no conflito. Por força do Tratado de Havana (30 Jul 1940), do qual o Brasil era um dos signatários, decreta-se guerra aos países do Eixo em 1942.

Para o Brasil as represálias não demoraram a chegar. Em sete meses foram torpedeados navios brasileiros ao longo do litoral brasileiro por submarinos alemães. A 22 de agosto de 1942, o Brasil respondeu a estas calamidades e declarou o estado de guerra, diante do

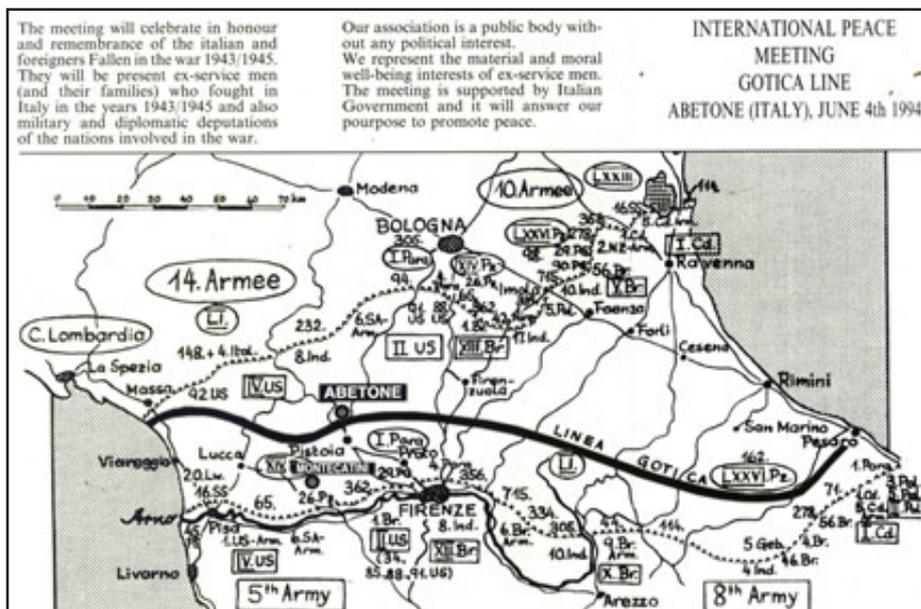
clamor público e da imprensa nacional (McCann, 1968).

No dia 9 de agosto de 1943 foi criada a Força Expedicionária Brasileira, sob o comando do general Mascarenhas de Moraes.

O efetivo da tropa brasileira era composto de uma Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e outros órgãos não divisionários. Foram organizados três regimentos, O 1º RI (do Rio de Janeiro), o 6º RI (de Caçapava, SP) e o 11º RI (de São João D’el Rei (MG). Quanto ao Serviço de Saúde, embarcaram os médicos oriundos dos quadros do Exército, tanto da ativa como da reserva, e médicos voluntários, além das 68 enfermeiras que embarcaram via aérea para a Itália.

O Serviço de Saúde contou com a presença de 198 pessoas, entre médicos, farmacêuticos e dentistas, além dos sargentos enfermeiros, padoleiros, cabos e soldados, perfazendo o total de 1.369 pessoas (Reis, E.M., 1969). Não temos notícias da presença de médicos veterinários pertencentes aos quadros da FEB.

No front invernal italiano, quando tudo parecia estar tudo parado, entre os meses de dezembro de 1944 e janeiro de 1945, os brasileiros foram obrigados a praticar uma forma diferente de combate contra os golpes de mão. Essas eram as formas preferidas dos adversários da FEB, algumas até de grandes proporções,



### ^ DEFESA ALEMÃ

A Linha Gótica representou uma das últimas e grandes defesas elaborada pelos alemães na Segunda Guerra Mundial. Sua finalidade era retardar ao máximo, e se possível bloquear, os avanços aliados na Campanha da Itália.

quando conseguiram juntar dois pelotões, mais um grupo especializado na colocação de minas. Esses golpes de mão tinham o propósito de ocupação, ou seja, avançar e se apossar das linhas brasileiras. Para superar essas investidas, os brasileiros partiram para a guerra das patrulhas, com objetivos claros de surpreender o inimigo.

### Os Cães de Guerra

No transcorrer dos acontecimentos, o emprego de mais de 200 mil cães pelo Exército dos EUA fez com que esta demanda criasse os centros de treinamento de animais nos Estados Unidos com o nome de K9. Nestes centros, foram preparados 15 mil cães, que acabaram atuando no norte da África e Europa.

Nesses preparativos, o alemão veio surpreender os aliados, principalmente os americanos. Os soviéticos empregaram cerca de 40 mil cães suicidas, com o objetivo de conter as divisões panzers. Eram os "cães-bomba", empregados na destruição dos tanques de guerra. Enquanto isto, os alemães treinaram cães paraquedistas para atuarem na frente italiana.

Foi durante o inverno a parte de maior sacrifício dos soldados brasileiros, quando as

temperaturas ficaram até de -20°C, obrigando o front a estabilizar, tanto do lado aliado como dos alemães. Nesta fase tiveram início as patrulhas, que tinham por objetivo observar o inimigo e garantir o terreno conquistado. É nesta fase também (novembro de 1944 a fevereiro de 1945) que os americanos iniciam o emprego de cães na frente italiana, cabendo aos brasileiros nas suas patrulhas a utilização de cães farejadores, dotados ainda de outras funções como guarda e sentinela (O Globo, 1944).

### Patrulha e Cão

Geralmente as patrulhas eram formadas para atingir as linhas inimigas, a fim de provocar uma reação da parte deles e indicar onde estavam suas

### SAPADORES v

Um sapador é um soldado que desempenha uma variedade de tarefas de engenharia militar, sobretudo nas áreas da mobilidade e da contramobilidade. Em períodos de frio intenso, o trabalho torna-se mais difícil.



posições, ou para fazer prisioneiros. A carta topográfica ficava em posse do oficial que conduzia o grupo, geralmente um tenente ou sargento. Do armamento que conduziam constava um fuzil metralhadora, uma bazooça (Lança-rojão), uma sub-metralhadora além dos fuzis, munição e granadas. Também para facilitar as comunicações usava-se o Handie-talk, para poder falar com os oficiais no posto de comando de suas companhias.

Conforme explica o capitão Octávio Pereira da Costa, que atuou na FEB como artilheiro, pode-se afirmar que os embates ocorridos nos Apeninos, do qual o Brasil fez parte, foi uma guerra de batalhões, de subunidades, ou de pelotões. Uma guerra de pequenos efetivos, dos homens combatendo quase cara a cara com o inimigo. (Costa, 2000).

Quanto ao disfarce das patrulhas nos dias de nevasca, eram providenciadas as capas brancas com capuz, destinadas a camuflar o patrulheiro com a neve.

Os contatos por telefone eram comuns entre aquele que iria comandar a patrulha e os capitães que ficavam nos postos de comando. As conversas diziam respeito às dotações de munição e granadas que cada um deveria levar. Eram feitas experiências com os apare-



lhos de rádio, estes de suma importância nos contatos que se fizessem necessários.

A patrulha poderia ser precedida de outra, que tinha a missão de verificar a posição dos alemães. Podia seguir junto da patrulha um partigiani, guerrilheiro italiano anti-mussolini, que era conhecedor dos caminhos e das supostas posições onde o inimigo poderia estar. Junto com este grupo, podia ir um enfermeiro padioleiro dos respectivos pelotões, que portavam as mochilas de medicamentos de emergência e também uma padiola, no caso de haver feridos ou mortos.

Formada a patrulha, cabia ao tenente ou ao sargento a averiguação dos apetrechos; tudo tinha de ser bem vistoriado para se evitar surpresas durante o ataque. As armas até então deveriam estar travadas, mas o teste final viria com um estalido metálico (disparo em seco). As armas que apresentassem qualquer problema eram lubrificadas e novos tes-

#### MINAS ^

Talvez a mais infame das armas, a mina terrestre arrebatou muitas vidas na Segunda Guerra Mundial. Aqui, uma mina rara, a FW.157, de 1940, arma antitanque germânica muito eficiente e temida. A morte chegava sem qualquer aviso.

tes eram realizados, demonstrando o seu funcionamento. Caso contrário, eram trocadas por outros armamentos. Sob o frio muito intenso as armas podiam travar.

Cada soldado podia levar consigo oito granadas, e todos sabiam que o grampo retirado era o que acionava a espoleta, e o tempo de explosão depois de lançada era de 6 segundos. Cabia ao comando da patrulha averiguar a posição dos grampos das granadas, uma a uma, de cada patrulheiro. Aos poucos, as incorreções iam sendo suprimidas até para salvaguardar a vida de cada um. Cada granada pesava cerca de 650 gramas.

Participar de uma patrulha era algo realmente temeroso como destacou o sargento Rubens Leite de Andrade:



#### ^ HISTÓRIA MAL CONTADA

Muito há para ser contado sobre a valorosa participação da FEB na Segunda Guerra Mundial. Como é de praxe, não há incentivo para manter a memória viva dos ex-combatentes, vergonhosamente esquecidos.

Para o soldado da infantaria, a patrulha é mais temível que o ataque. Nela partíamos para o desconhecido, não sabíamos o que nos esperava. Às vezes é emboscada, como aconteceu com a minha companhia. Foram cercados pelos alemães. Alguns conseguiram se retirar, porém 3 não tiveram a mesma sorte. Resistiram até ao último cartucho (Andrade, 2000, p. 20).

Sobre o uniforme de inverno os homens usavam ainda o pesado sobretudo de lã, ou a FieldJacket, que era sobreposta pela capa branca de camuflagem. Sobre a cabeça iam os dois capacetes, acoplados um ao outro, o de fibra e o de aço. A patrulha era comandada pelo mais graduado, a quem os soldados depositavam toda a confiança, fosse ele oficial ou sargento, o qual

era responsável pela segurança de todos os homens.

Era necessário ao líder da patrulha ter experiência de avaliar o terreno onde os homens passariam. Nas trilhas, tinha de evitar o terreno muito batido pela artilharia, morteiros ou armas automáticas, tentando desse modo atingir seus objetivos sem baixas ou pelo menos com o mínimo de perdas. As posições inimigas reservavam muitas surpresas aos patrulheiros, eram protegidas por minas anti-pessoais e anti-tanques, e que estavam enterradas na extensão das linhas. As anti-pessoais explodiam sob o peso de um homem; as anti-tanques, sob o peso de um tanque (CC), caminhão ou jeep.

#### Desarmando Minas

Em muitas situações era necessário proceder-se a “limpeza” da área, com pessoal e aparelhos especializados, que assinalavam a presença das

minas. Assim, os sapadores removiam a leve camada de terra ou qualquer coisa que ocultasse a mina ao nível do solo, retiravam a espoleta, depois a própria mina e assim anulavam o perigo da explosão.

O sargento Ayrton Viana Alves Guimarães do 9º Batalhão de Engenharia, era um dos encarregados de localizar as minas no terreno onde a patrulha deveria passar. Um dos apetrechos que usava para esta finalidade era o “bastão de prova”. Segundo sua descrição tratava-se de uma bengala pontuda. Em sua narrativa, ele explica como funcionava: “Você ia furando o terreno a procura de um corpo estranho; quando tocava em algo mais sólido você dizia: “Mina!” (Guimarães, 2000).

Cabia às patrulhas brasileiras e seus cães a missão delicada de encontrar minas terrestres colocadas pelo inimigo. Entre os mais diferentes artefatos, as minas mais conhecidas e mortais eram a Teller (anti-tanques), que tinha a forma de um tambor e era fabricada em aço; a Stockera, feita de cimento e que possuía uma carga central de explosivos que ao explodir com milhares de estilhaços atingia tudo ao seu redor; a Top Fimine, maior que as demais, era feita de plástico com detonador químico e não podia ser detectada, era encontrada somente com a técnica da perfuração.

No entanto, a mina que mais vitimou soldados na frente

italiana foi a Schumaine (anti-pessoal), que ficava presa a um bobytrape, em uma caixa de madeira e um delgado fio que, ao toque mais sutil acionava a bomba, capaz de arrancar o terço inferior da perna (Rigoni, 2001). Estas minas eram desarmadas em uma tarefa árdua e perigosa, por especialista patrulheiro, como diziam os homens: o sapador não podia errar.

As raças de cães empregadas nas missões eram das raças alsacianas, collies e airedales, treinados e acostumados ao rigor do inverno. Segundo notícia do jornal da época no Rio de Janeiro: “Cães descobridores de minas utilizados nos avanços da FEB.” (O Globo, 1944).

Assim como os soldados, os animais eram agrupados nos pelotões, ligados a uma patrulha. Da orientação dada pelos treinadores nos chegam dados curiosos. Antes de cada missão os animais não recebiam alimentação; eram premiados com comida caso encontrassem uma mina. Constituía a base da alimentação destes animais carne e biscoitos. Não se tem notícias de animais vitimados por mina durante as patrulhas. Esses valorosos animais não se assustavam com os tiros de canhões e sabiam distinguir pelo barulho das granadas se estas eram baterias amigas ou inimigas (O Globo, 1944).

A neve que cobria as estradas era grande problema,

pois acabava por “petrificar”, criando dificuldades para os homens, animais e as viaturas. As trilhas batidas tinham a preferência dos homens, pois a neve solta nas laterais impedia as passadas e os pés se afundavam em até meio metro de neve, criando dificuldades no caminhar.

Outra preocupação das patrulhas eram os verylights, normalmente lançados por morteiros. Eram as granadas iluminativas. Explodiam no espaço, com o seu foco luminoso ficando suspenso a grande altura; por meio de um pequeno paraquedas, demoravam 5 minutos caindo no espaço. Sua luz possante iluminava quase igual à luz do dia. Essas armadilhas luminosas, sem feito mortífero, mas que denunciavam as posições da patrulha, à medida que o seu foco iluminado atingia em cheio a patrulha, dava possibilidade de os inimigos enfrentarem os brasileiros, num curto espaço de tempo, e de varrê-los com os seus fogos de metralhadoras.

O soldado Geraldino Werner, do 1º RI, recorda em seu diário, algumas situações que envolviam as patrulhas, quando o seu grupamento depois do fracassado ataque ao Monte Castello no dia 29 de novembro, foi deslocado para uma localidade chamada Monte Africo. No dia 10 de dezembro de 1944 ele anotou: “Os velhos inimigos faziam patrulhas suicidas, que se tornavam constante perigo para as nossas linhas. O terreno montanhoso

e acidentado dificultava a passagem para ambos os lados e nós estávamos ali para garantir nossa posição a qualquer preço” (Werner, 2008, p. 10).

No dia 8 de janeiro de 1945, Werner (2008) fazia parte de uma patrulha de reconhecimento nas imediações do rio Marano e anotou em seu diário: Vestimos capas brancas, nos pés galochas altas, capacetes de fibras e sobre ele o de aço e armados “até aos dentes”. Na noite muito escura, parecíamos fantasmas. Em certos lugares a neve atingia a altura dos joelhos. Com 1 fuzil, 2 granadas, 1 talabarte de munições e 1 faca de campanha na cintura, fomos avançando. Caminhávamos lentamente e com muito cuidado e silêncio, pois a morte caminha sobre os nossos pés.

Os Regimentos tinham necessidade de anotar os acontecimentos, organizando os relatórios. Nesse sentido foram escolhidos os oficiais que possuísem um nível de escolaridade melhor, para efetuar o resumo dos acontecimentos. Cada companhia tinha o seu escrevente.

No depoimento de José Maria Rodrigues, cabo escrevente, é possível avaliar o seu papel diante do 6º RI

Como escrevente tinha a incumbência de colocar em dia toda a escrituração militar dos elementos de minha companhia. Tomei nota de todos os dados do pessoal da subunidade, das identidades, onde

nasceram, o que faziam, para que as fichas deles fossem completas (Rodrigues, 2010).

Os dados registrados pelo escrevente eram de suma importância para que estes fossem mais tarde encaminhados às “folhas de alteração”, de cada soldado ou oficial, onde a vida militar estava descrita. Dessa ficha dependiam as promoções e no caso da guerra direcionavam as indicações para as poucas medalhas que a FEB conferiu aos seus homens.

Além dos dados pessoais de cada homem, a descrição da ocorrência da missão em determinado dia, os escreventes cumpriam a difícil missão de identificar os mortos, o que era verificado pelas duas placas de identificação e que o soldado portava no pescoço. Lá, estava inscrito o nome do soldado e o seu número, bem como o tipo sanguíneo. As placas eram retiradas, uma delas seria enviada à família e a outra colocada dentro da boca do morto, o que facilitou muito a exumação dos corpos até quase 20 anos depois.

É possível afirmar que são vários os tipos de cães de guerra, dentre os quais se distinguem os cães de policiamento, cães farejadores, cães de guarda e sentinela e cães de ataque. Foram muitos os cães de guerra que ficaram registrados na história. Entre os heróis caninos condecorados por ato de bravura, vamos encontrar a

cadela Judyuma (pointer inglesa), mascote da marinha inglesa. Outro herói canino foi Rip, mestiço terrier que atuou no resgate de pessoas durante os bombardeios em Londres, após rápido treinamento; foi condecorado por bravura em 1945.

Nas guerras sucedâneas à Segunda Guerra Mundial, os registros históricos apontam o emprego de cães da raça yorkshire, que na Guerra do Vietnã percorriam os túneis subterrâneos em busca do inimigo. Também temos o registro de treinamento de macacos em simuladores de voos, com o objetivo de pilotar e soltar bombas, através de impulsos elétricos. Atualmente, os pesquisadores do Laboratório Nacional de Los Álamos (EUA) anunciaram o treinamento de abelhas para farejar explosivos. Os EUA utilizaram ainda morcegos-bomba na guerra contra o Japão, além de golfinhos para localizar minas submarinas.



Estudos recentes de historiadores como Pedro Paulo Funnari (2012) da Universidade de Campinas, (SP) nos apontam dados importantes sobre cães de guerra:

Todos os principais exércitos do mundo contam com cães e possuem manuais de treinamentos específicos. Pastor alemão, doberman, rottweiler, labrador e pastor belga malinois, são raças comuns nos canis militares brasileiros, nos quais são criados com a finalidade de acompanhar os soldados na missão do Haiti e integrar operações importantes.

Em todas as etapas dos combates, ou das missões a que foram submetidos, os cães demonstraram lealdade e te-

#### AMIZADE ANTIGA v

Desde tempos remotos, homens e cães estabeleceram uma relação de apoio mútuo, em geral definida pela troca de alimentos por segurança. Não por acaso, a variedade de raças é um testemunho dessa interação.

nacidade. Por este motivo são considerados “os verdadeiros amigos no front”. Milhares de histórias poderiam ser narradas também a respeito do amor incondicional destes animais aos seus donos. Mas em relação aos animais que atuaram nas guerras os dados são sombrios, segundo Silvana Andrade, da agência de notícias de Direitos Animais “Nos últimos 70 anos, milhões desses animais perderam a vida em confrontos bélicos. São encarados como se fossem armas, mas sentem dor, medo, tristeza” (Funari, 2012)

### Referências:

ANDRADE, Rubens Leite de. História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2000.

COSTA, Octávio Pereira da. História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2000.

FUNARI, P.P. Cães de Guerra. In: Revista National Geographic Brasil, Editora Abril, 2012.

GIORDANI, M.C. História de Roma. Rio de Janeiro: Vozes, 1968.

GUIMARÃES, Ayrton Viana Alves. História Oral do Exército

na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2001.

HADAS, M. Roma Imperial. In: Coleção Life. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

MCCAN, F. A. Aliança Brasil Estados Unidos. Rio de Janeiro (1937-1945): Bibliex, 1995.

O GLOBO, jornal edição de 19 de novembro de 1944.

RIGONI, C. Nas Trilhas da Segunda Guerra Mundial: as experiências, as vivências e os sentimentos do soldado brasileiro, 1.<sup>a</sup> ed. Curitiba: Editora Torre de Papel, 2001.

\_\_\_\_\_. Diários de Guerra I: Anjos de branco – O Serviço de Saúde da FEB na Itália salvando vidas (1944-1945), 1.<sup>a</sup> ed. Curitiba: Editora Progressiva, 2010.

RODRIGUES, José Maria. História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2000.

REIS, E. M. dos. Exército de Padoleiros e Bisturis, 1.<sup>a</sup> ed. Rio

de Janeiro: Mabri - Livraria e Editora Ltda, 1969.

ROMANGATI, N. 10 animais recrutados para a guerra 2012. Disponível em: <http://hypesciences.com/10-animais-recrutados-para-a-guerra/pdf>. Acesso em 3 de março de 2012 às 14:20.

WERNER, Geraldino. Tomada de Monte Castelo. Memórias de Geraldino Werner. Documento digitalizado. Curitiba: 12 de setembro de 2008.



### SOBRE A AUTORA

**Carmen Lúcia Rigoni** possui graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina (1968), Mestrado em História pela Universidade Federal do Paraná (2003) e Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. É colaboradora da Revista Verde Oliva do Exército Brasileiro e também de diversos portais da Força Expedicionária Brasileira. É Acadêmica da AHIMTB/PR, cadeira Major Elza Cansação Medeiros.



# A Influência da Maçonaria no Processo de Independência das Colônias Ibéricas na América do Sul



Há unanimidade entre os historiadores de que a Maçonaria tem origem no surto de construção de gigantescas catedrais ocorrido na Idade Média, que enriqueceu os profissionais ligados à construção civil, desde simples pedreiros e talhadores de pedras até os intelectualizados arquitetos.

Como esses profissionais passassem a ter o privilégio de se deslocar livremente pelo território europeu, começaram a ser conhecidos como “pedreiros livres”. Procurando preservar para si os conhecimentos responsáveis pela sua prosperidade, os “pedreiros livres” começaram a se congregar em confrarias fechadas, uma derivação das “corporações de ofício” existentes nessa época.

Passada a febre da construção de catedrais, essas congregações dedicaram-se a “edificar templos à virtude e cavar masmorras ao vício”, com a admissão de outras categorias profissionais.

A denominação de “Loja”, dadas a essas confrarias, tem origem na palavra inglesa “Lodge”, ou seja, a choupana em que eram guardadas as ferramentas com que os “pedreiros livres” trabalhavam. Já a expressão Maçon, deriva das palavras Mason (inglês) e Maçon (francês), que significam pedreiro. As lojas maçônicas se espalharam pela Europa devido à sua intransigente defesa da liberdade de consciência e de pensamento e não tardaram em chegar às Américas, junto com os navios dos colonizadores.

Eram maçons, entre outros, José Bonifácio, Simon Bolívar e San Martin.

É portanto desnecessário ressaltar a importância que a maçonaria teve no processo que levou as colônias sul-americanas a declararem-se independentes de Espanha e Portugal.

•

## Fontes:

- LEMOS, Juvêncio Saldanha. A Saga no Prata. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2009.  
CAMINO, Rizzardo da. Introdução à Maçonaria. Ed. Gráfica Editora Aurora Ltda.  
LUDWIG, Emil. Bolivar, Cavaleiro da Glória e da Liberdade. Porto Alegre: Globo, 1943.  
ROJAS, Ricardo. El Santo de la Espada – Vida de San Martin. Buenos Aires: Ediciones Rosso.



**J**oão Batista Mascarenhas de Moraes nasceu em São Gabriel (RS), em 1883.

Militar, cursou a Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo (RS), entre 1899 e 1902. Em seguida, ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Em 1922, servia no 1º Regimento de Artilharia Montada, sediada na Vila Militar do Rio de Janeiro, quando eclodiu um levante no Forte de Copacabana, o primeiro de uma série de revoltas tenentistas que ocorreram durante a década de 20. Junto com o seu regimento, manteve-se fiel à legalidade e colaborou no combate aos rebeldes. Em 1924, voltou a combater uma rebelião tenentista, dessa vez na capital paulista.

Em 1930, comandava um regimento em Cruz Alta (RS), quando se iniciou o movimento revolucionário que depôs o presidente Washington Luís e levou Getúlio Vargas ao poder. Mais uma vez fiel à legalidade, Mascarenhas de Moraes foi preso pelos revoltosos, sen-

do libertado somente após o desfecho do movimento. Em 1932, manifestou-se favorável à causa paulista, sendo mantido em prisão domiciliar até que o movimento fosse debelado. Em 1935, servindo na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, deu combate ao levante promovido por setores esquerdistas vinculados à Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Em junho de 1937, foi nomeado comandante da 9ª Região Militar (9ª RM), sediada no estado do Mato Grosso. Logo após a decretação do Estado Novo, em novembro daquele ano, atingiu o generalato. Permaneceu no comando da 9ª RM até julho de 1938. Nos anos seguintes, comandou a 7ª RM, sediada em Recife e a 2ª RM, sediada em São Paulo.

Em outubro de 1943, assumiu o comando da Força Expedicionária Brasileira (FEB), criada após a decisão brasileira de enviar tropas à Europa para lutar ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Pre-

sidiu ainda, nesse período, a Comissão Militar Brasileira e, em novembro de 1943, visitou pela primeira vez o teatro de guerra no Mediterrâneo. Em junho de 1944, seguiu para a Itália com os primeiros contingentes militares do Brasil enviados ao conflito, que entraram em combate a partir de setembro daquele ano. Permaneceu na Europa até o fim da guerra.

De março a agosto de 1946, exerceu o comando do 1º Grupo de Regiões Militares. Em seguida foi transferido para a reserva, recebendo a patente de marechal. Em 1951, retornou à ativa. Em 1953, foi nomeado chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA). Nesse posto, acompanhou de perto a crise política que levaria ao suicídio do presidente Vargas no ano seguinte. Nessa ocasião, conferenciou com o presidente até os momentos que antecederam a sua trágica decisão, transmitindo-lhe informes sobre a situação nos meios militares. Após a morte de Vargas, afastou-se imediatamente da chefia do EMFA. Em 1955, manifestou-se favorável ao golpe militar liderado pelo general Teixeira Lott, que garantiu a posse de Juscelino Kubitschek na presidência da República

Morreu em 1968, no Rio de Janeiro.

•  
Fonte: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001]

## A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A **Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB)** foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A **AHIMTB/RESENDE** – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A **AHIMTB/Distrito Federal** – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A **AHIMTB/Rio de Janeiro** – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A **AHIMTB/Rio Grande do Sul** – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis;

- A **AHIMTB/São Paulo** – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

## O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two Page View**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, a publicação será exibida na forma projetada. Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibição da Página**, clique em **Exibição em Duas Páginas** e **Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas**.



O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha. Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço digital [www.nucleomilitar.com](http://www.nucleomilitar.com)

Apoio à FAHIMTB:





# AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR  
TERRESTRE DO BRASIL / RS

